

REBU

**Programa de Formação e Deformação 2021
EAV Parque Lage**

Clarissa Diniz e Ulisses Carrilho (org.)

Rio de Janeiro, 2022





HOJE SÓ LAVAREMOS A ALMA



INSTITUCIONAL

"Ser um centro de formação, questionamento, experimentação e diálogo entre os vários campos da arte e da cultura contemporâneas, com metodologias e práticas libertárias. Uma escola que responde ao seu tempo, forma e aprende nas suas relações sociais com o seu entorno e a floresta." - Missão da Escola de Artes Visuais do Parque Lage

Assumi a direção da Escola de Artes Visuais do Parque Lage em março de 2020, dois dias antes da publicação do Decreto Estadual de isolamento social que fechou escolas, bares e todas as atividades não essenciais no Rio de Janeiro, devido à pandemia de Coronavírus. O desafio estava imposto. Como gerir uma escola à distância, que tinha como um de seus principais atributos o convívio amplo e cotidiano com professores que fizeram e fazem a cena brasileira das artes visuais do país? Foi quando recebi das mãos de Clara Gerchman o livro sobre a trajetória de seu pai na criação e direção da EAV.

A partir dessa leitura foi possível compreender que esta não foi criada para ser mais uma escola de artes, mas sim uma experiência coletiva de arte e educação. Um lugar para o exercício da liberdade e do contraditório pautada por quatro valores: **liberdade, resistência, experiência coletiva e radicalidade na ação**, explicitados no título do livro: "Espaço de emergência, espaço de resistência".

E foi com esse espírito que a EAV encarou o desafio da pandemia. Em março de 2020, 452 alunos estavam matriculados, quando toda a escola e o Parque Lage foram fechados. Era preciso dar uma resposta a esses alunos. A resposta foi construída em parceria com aqueles que sempre mantiveram a qualidade e o espírito de luta da escola: os professores e seu corpo

Yole Mendonça
Diretora da Escola de Artes
Visuais do Parque Lage

funcional, que num amplo debate transformaram as impossibilidades em dificuldades a serem vencidas.

A EAV não tinha experiência em aulas remotas, nem condições orçamentárias para garantir um suporte que pudesse treinar seu corpo docente. Utilizando diversos suportes tecnológicos gratuitos foi possível manter 262 alunos em 26 cursos online, mais da metade dos inicialmente matriculados. A partir daí, fomos profissionalizando a experiência online e passamos a ter uma abrangência nacional. Ao final de 2021, já contávamos com mais de mil alunos distribuídos em 22 estados brasileiros e até no exterior.

Se antes a ampliação de territórios e a democratização do acesso ao ensino de arte eram projetos, naquele momento se tornaram eixos centrais para a escola. No último biênio, a EAV ampliou o programa de bolsas, privilegiando pessoas racializadas ou oriundas de territórios periféricos. Uma série de ações inclusivas e disruptivas reafirmou o caráter público da escola.

Ainda em 2020 enfrentamos o desafio de garantir o programa gratuito de formação adequando-o ao modelo online. Graças ao patrocínio via lei do ISS, viabilizamos o “Pedra e Ar”, ao final de 2020. Um curso de formação para 12 alunos, acompanhado de uma bolsa de permanência. Foram recebidas 688 inscrições

De forma paralela, a missão de ampliar a diversidade do corpo discente da escola nos animou a transformar a participação da EAV na ArtRio numa grande campanha de arrecadação de fundos para o oferecimento de Bolsas Sociais. A renda obtida a partir da Coleção Impacto – ligada ao Amigo EAV, programa de benefícios da instituição – garantiu o ingresso, em 2022, de 80 alunos bolsistas integrais em nossos cursos livres.

Em 2021, conseguimos ampliar o projeto realizando dois programas de formação gratuitos voltados para a fundamentação teórica e para o desenvolvimento poético nos campos da arte e da cultura. Para os programas de *Formação e Formação e*

Deformação – Teteia foram selecionados 30 alunos a partir de critérios como lugar social, idade, identidade racial, identidade de gênero e território, que receberam bolsa permanência. A EAV recebeu 808 inscrições.

A exposição REBU apresenta os trabalhos desenvolvidos por 15 desses artistas durante uma imersão que aconteceu em um formato ora online, ora presencial, devido às restrições sanitárias impostas pela pandemia de Coronavírus. Por meio das videoaulas, os alunos e professores adentraram as casas uns dos outros e concluíram que a escola, situada na Zona Sul do Rio de Janeiro, não é o único espaço possível de se aprender e fazer arte. Por isso, a mostra aconteceu paralelamente em dois locais: nas Cavalariças da EAV e na Galeria 5 Bocas, fundada pelo aluno Allan Weber em Brás de Pina. Assim, a característica mais marcante do programa de Formação e Deformação de 2021 talvez seja a propensão a conectar pessoas, unir pontas, ampliar vozes e juntar espaços físicos e simbólicos que estão historicamente apartados.

Para viabilizar todas as ações elencadas durante o texto, sou imensamente grata aos professores, alunos e colaboradores que compõem o cotidiano desta escola. Nosso muito obrigada à Secretaria de Cultura, aos Conselheiros da Ameav, aos Amigo EAV e aos patrocinadores, que nos dão o suporte necessário para transformar os projetos em realizações concretas.



ACESSO E ENSINO

Em sua terceira edição, o Programa de Formação e Deformação convocou seus participantes a uma contribuição ainda mais radical com seus próprios processos de formação. Em um constante movimento de construção coletiva, a turma experimentou caminhos novos a cada momento do curso por meio de exercícios coletivos, eleição de professoras/es convidadas/os e debates conceituais estruturantes que culminaram não só nos 8 meses de encontros em diversos formatos, como na exposição REBU, que apresentamos aqui neste catálogo.

A radicalidade da convocatória para uma autoformação ganha ainda mais força quando reunimos uma coletividade diversa em perfis sociais e pesquisas artísticas. A participação ativa praticada nesta formação buscou convocar não apenas cada presença desta turma, mas principalmente seus respectivos conjuntos de saberes, pontos de vista, crenças e descrenças no fazer artístico e nas narrativas presentes no campo da arte e da cultura.

Esta proposição de formação que mergulha na coletividade, potencializando os encontros e as diferenças, foi também favorecida pela distribuição de Bolsas Permanência mensais para toda turma, visando facilitar o convívio e a dedicação de cada participante ao longo deste percurso. A EAV Parque Lage buscou aliar neste programa metodologias ativas de participação e políticas inclusivas de acesso, valorizando a presença dos sujeitos nesta Escola em sua integralidade.

Natália Nichols
Coordenadora de Ensino



TEIAR

Nos anos de 1978 e 1979, em colaboração com os artistas que eram seus alunos, Lygia Pape – professora da Escola de Artes Visuais do Parque Lage na década de 1970 – realizou, na Floresta Nacional da Tijuca, maior floresta urbana do mundo, na qual a EAV se encontra, o projeto Teteia. Se, quando vista nas fotografias que a documentam, o Teteia se comporta como uma espécie de instalação em meio à mata, é necessário frisar que, para a artista e seus colaboradores, importava menos sua dimensão escultórica do que o processo de sua criação.

Como indica Lygia Pape no texto “TTÉIA: ÁREA ABER-TA” (1979), a proposta era “‘tecer o espaço’ num processo de criatividade que estabelece novas relações”. Descentrada como uma teia de aranha, Teteia buscava experimentar formas não lineares de participação, de colaboração, de ação coletiva – modo de criação conjunta que Lygia denomina ARANHADA. Mais do que produzir a Teteia, Pape sublinha que o fundamental é TEIAR: “o novo princípio de deslocar-se para cima, para baixo, para um lado ou para o outro: sem prejuízo de um só ponto de vista”.

Tomando o verbo TEIAR como ponto de partida, a Escola de Artes Visuais do Parque Lage convocou artistas situados no estado do Rio de Janeiro para seu Programa de Formação e Deformação 2021. TEIAR é uma ação entre corpos e intenções que, como dizia Lygia Pape, “inicia-se com somente um fio e mais nada (...) e vai surgindo, crescendo no próprio local de seu uso. Antes não havia nada e após também ficam somente a ideia e as percepções geradas pela ARANHADA”.

Convidamos artistas do território do Rio de Janeiro para, a partir do mundo online e suas redes, mas também fora delas, TEIAR aprendizados e convívios. Como demonstra um desenho da artista, se na

Clarissa Diniz e Ulisses Carrilho
Coordenadores do curso de
Formação e Deformação

¹ Teteia: área aberta (1979). Cf.: VIL-LEL-BORJA, Manuel; VELÁZQUEZ, Teresa (org). Lygia Pape: espaço imantado. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2012.



década de 1970, Pape estava atenta às potências da teia como forma de relação e de conexão entre lugares geograficamente distintos (como os bairros de Bonsucesso, de Madureira, do Leblon e de Vargem Grande que figuram em seu desenho), TEIAR como um processo formativo fundado na coletividade convoca, hoje, outros – e diversos – lugares e pessoas para compor a ARANHADA.

A partir de 1968, Lygia Pape passa a observar a formação de ESPAÇOS IMANTADOS nas ruas do Rio de Janeiro: “a partir de minhas andanças de carro pela cidade (...), fui percebendo um tipo (...) de relação com o espaço (...) que eu chamei de ESPAÇOS IMANTADOS, porque aquilo tudo era uma coisa viva (...)”. Para a artista, vivas eram as rodas de capoeira, as performances dos artistas de rua, as rodas de samba ou o modo como os camelôs ocupavam a cidade.

Ao compreender os ESPAÇOS IMANTADOS como “situações-limite e bem definidas até geograficamente e onde estão acontecendo coisas especiais de nível poético”, Pape aproximou-se da ideia da imantação como modo de ativar espaços, tempos e corpos, produzindo coletividades efêmeras, o que levou a artista a elaborar, anos depois, a proposta de “tecer o espaço”, o TEIAR como ação.

A metodologia do Programa de Formação e Deformação 2021 - Teteia tomou de empréstimo a ideia de imantação para propor que o próprio programa fosse tecido pelos artistas-participantes ao longo dos encontros. Praticando o Programa como um ESPAÇO IMANTADO, propusemos que ele fosse habitado e experimentado pela coletividade que em torno dele se formaria, a qual poderia, reciprocamente, TEIÁ-LO. Desse modo, compreendemos a metodologia do Programa como a “ÁREA ABERTA” proposta por Lygia Pape, a qual – considerados os limites de tempo e orçamento institucionalmente disponíveis num contínuo processo de diálogo e de colaboração – pode ser desenhada, proposta, experimentada a partir da imantação e das teias surgidas do encontro de seus participantes.

Dessa forma, a Escola de Artes Visuais do Parque Lage desejou incentivar a turma participante do Programa de Formação e Deformação 2021 - Teteia a tecer, em diálogo e em ação coletiva com a própria EAV, os modos de formação que nos pareceram potentes. Ao longo dos encontros estiveram previstas apresentações de cada participante, acompanhamentos críticos dos trabalhos, interlocuções com pessoas convidadas, e ações coletivas a serem desenvolvidas ao longo do Programa. Com nossa orientação, tivemos ainda o privilégio de receber as contribuições de Fudida Silk, Hilton Japyassú, Kátia Regina, Leda Maria Martins, Mário Novello e Michelle Sommer como professores convidados.

TEIAR foi, portanto, a metodologia central do Programa de Formação e Deformação 2021 - Teteia. Como desenvolvimento deste trabalho, a mostra REBU aconteceu em duas localidades, concomitantemente: na galeria 5 Bocas, projeto gerido pelo artista Allan Weber, que integra o grupo, e nas Cavalariças da EAV Parque Lage, que promove este curso.



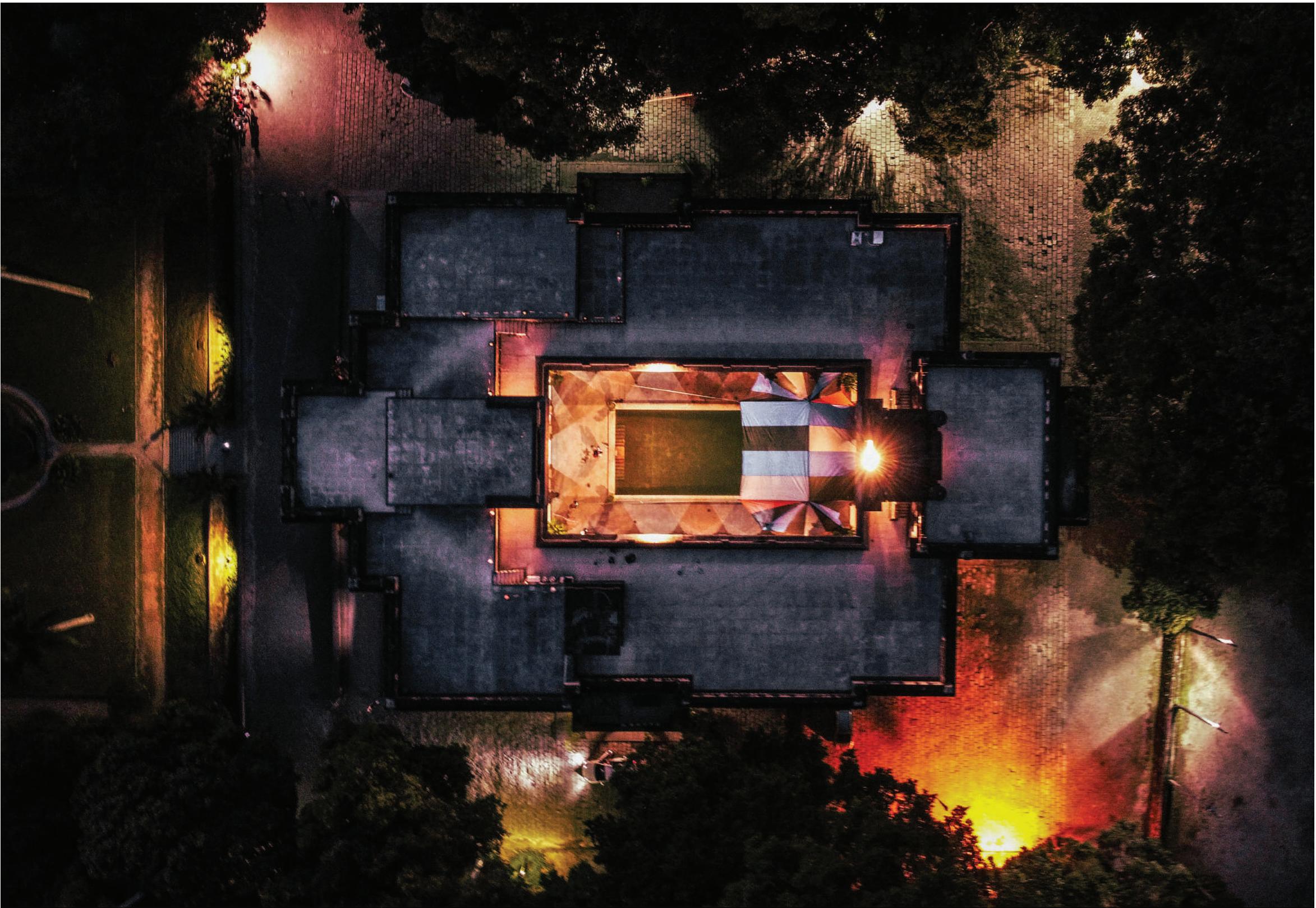














REBU





REBU



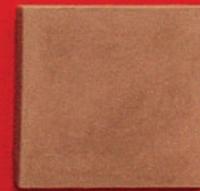
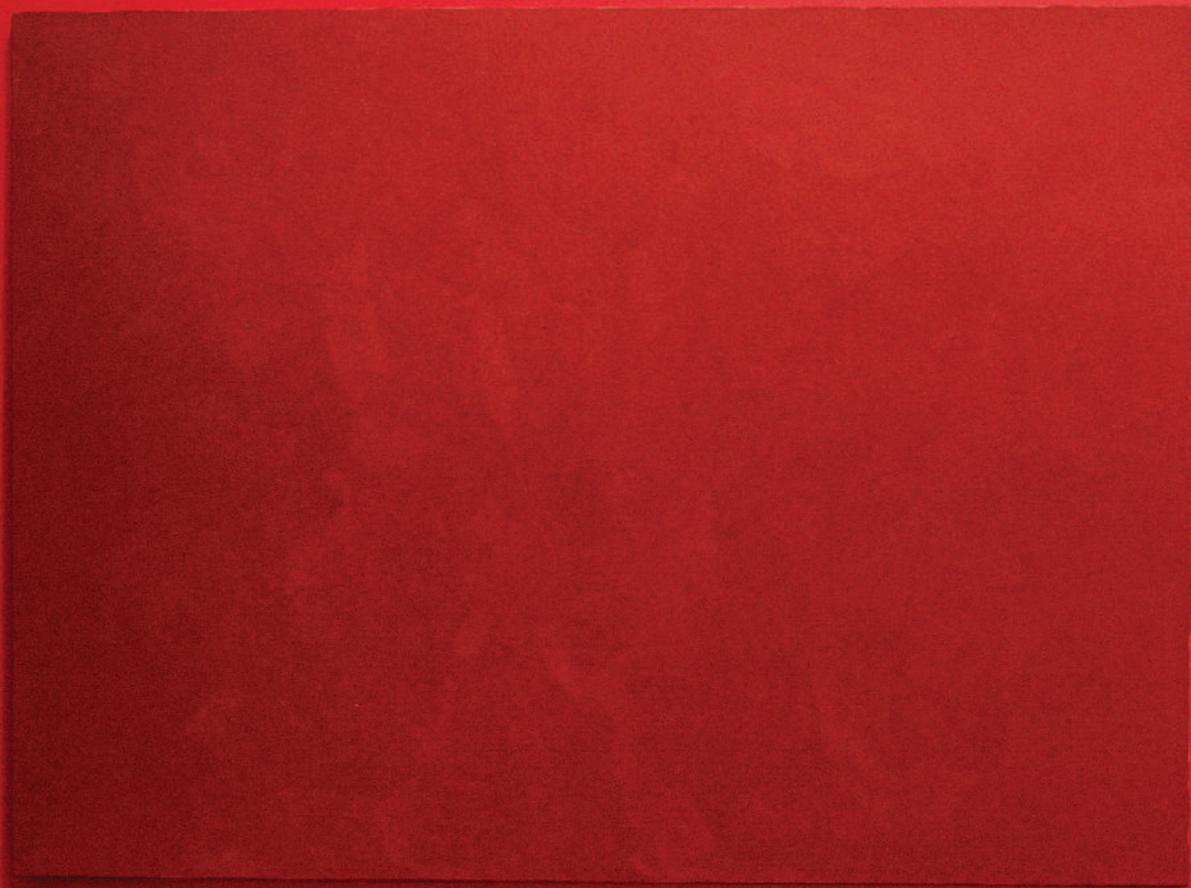
ORGANIZADO POR
INSTITUTO CULTURAL SAO PAULO
oi

APROVAÇÃO DO
CIC
CIC

PARCEIRO CULTURAL
EAV
FUNDACAO DE CULTURA
ECONOMIA
AMBAV
ICM
RIO DE JANEIRO

PROTEÇÃO AMBIENTAL
PATRIMONIO ARQUEOLOGICO
BRASIL

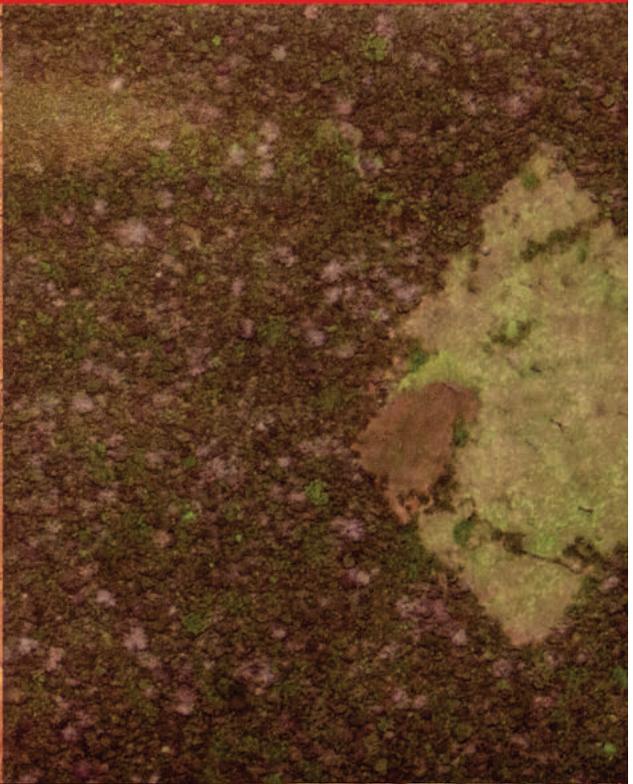




Legenda da imagem
aqui, 2022



Anis Jaguar
Nébulas, 2021
Látex e negatoscópio,
48x37x14cm
Coleção da artista





IMAGENS ANTERIORES

01

Foto de Alice Loureiro
2021

02

Foto de Alice Loureiro
2021

03

Ana Hortides
Escada, 2018/2021
Sal rosa, 40x125x70cm
Coleção da artista

04

Tainan Cabral
Tempo, 2021
Tinta látex, acrílica e spray sobre madeira, 3x5m
Coleção do artista

05

Loren Minzú
Lusco-fusco ou Zona Crepuscular, 2021
Fios de aço, fragmentos de galhos secos e chapa metálica, dimensões variáveis
Coleção do artista

06

Allan Weber
Dia de baile, da série *Traficando arte*, 2021
Lona sobre Palacete, 30x11m
Coleção do artista

07

Bruno Magliari
alumínio 13.27u1, 2021
alumínio s/ pedra sabão, dimensões variáveis

08

Bruno Magliari
alumínio 13.27u2, 2021
impressão fotográfica s/papel, 43x29cm (cada)
Coleção do artista

09

Abertura Exposição REBU
Cavalariças da EAV Parque Lage

10

Allan Weber
Uma oportunidade e tudo seria diferente, da série *Traficando arte*, 2021
Impressão fotográfica sobre papel Hahnemühle PhotoRag 308g, 42x29cm
Coleção do artista

11

Abertura Exposição REBU
Cavalariças da EAV Parque Lage

12

Abertura Exposição REBU
Cavalariças da EAV Parque Lage

13

Ana Hortides
Série casa 15, 2021
Coleção da artista

14

Anis Yaguar
Nébulas, 2021
Látex e negatoscópico, 48x37x14cm
Coleção da artista

15

Elisa Maciel
Passeios I da série *Mineração: certidão de batismo das américas*, 2021
Vídeo, 10"00"
Coleção da artista

16

Elisa Maciel
CONTORNO | ENTORNO, 2020-21
Impressão em papel Endura Linho de colagens digitais produzidas a partir da apropriação de imagens de satélite, 80x30,48cm cada
Coleção da artista

17

Elisa Maciel
Ilusão da máscara côncava da série *Mineração: certidão de batismo das américas*, 2021
Transfer sobre algodão cru, tecido acetinado e fibra sintética, 84x74cm
Coleção da artista

ALLAN
WEBER

Allan Weber

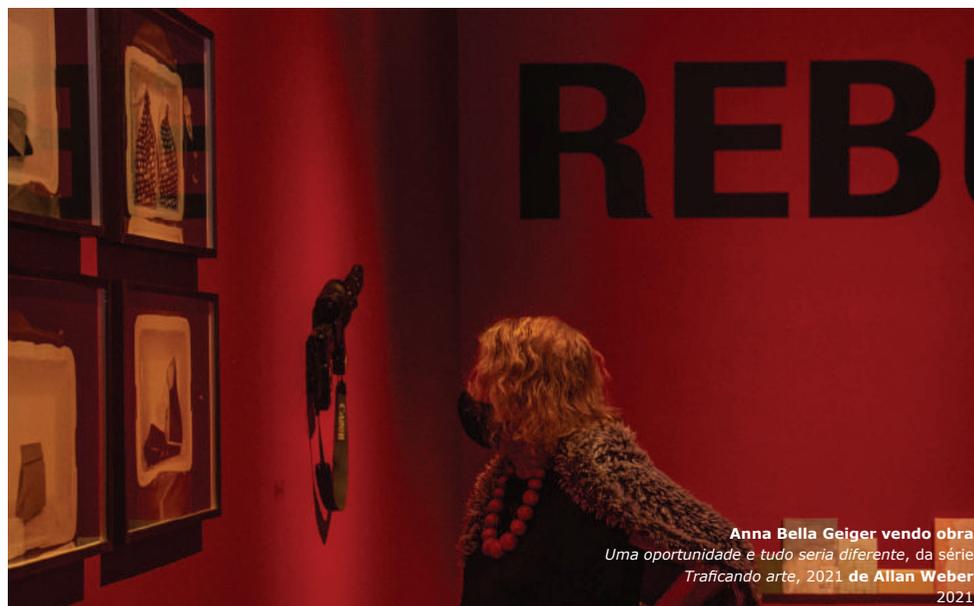
Nascido no Rio de Janeiro (1992), na comunidade das 5 bocas em Brás de Pina, atual complexo de Israel.

Artista autodidata, largou a escola aos 16 anos e atualmente é bolsista do curso Formação e Deformação (2021) da Escola de Artes Visuais do Parque Lage. Nos seus trabalhos, mostra um pouco de sua realidade, criando narrativas por meio das suas vivências cotidianas dentro da comunidade e de seu trabalho enquanto entregador de lanches.

São fotografias, objetos e ações que tensionam a relação do artista com elementos de uma classe social marginalizada e discriminada por sua cultura e comportamento. Em 2021, fundou a Galeria 5 Bocas, situada em Brás de Pina, expandindo seu trabalho para além da fotografia e dos objetos ao experimentar uma intervenção social articulada a coletivos e colaboradores diversos, e promovendo trocas e aprendizados mútuos entre os moradores da comunidade e de outras partes do Rio de Janeiro.



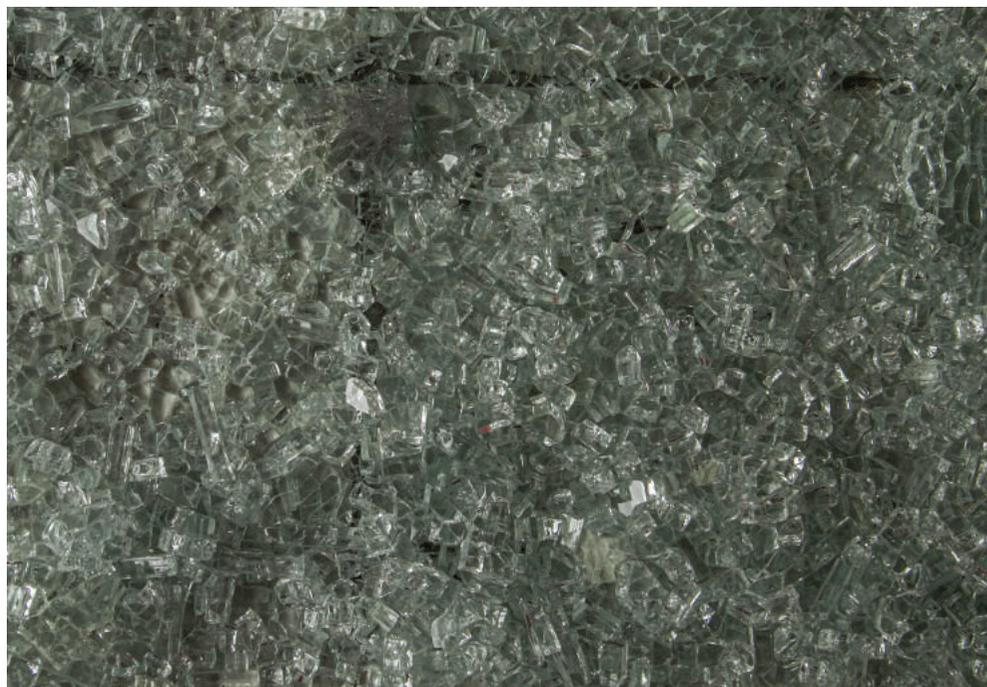
Allan Weber
Sem título, da série *Traficando arte*, 2021
Paredão de som, dimensões variáveis
Coleção do artista



Anna Bella Geiger vendo obra
Uma oportunidade e tudo seria diferente, da série *Traficando arte*, 2021 de **Allan Weber**
2021



Allan Weber
Dia de baile, da série *Traficando arte*, 2021
Lona sobre Palacete, 30x11m
Coleção do artista



"Minha atual série 'Traficando arte' é sobre desconstruir objetos e códigos comuns usados por corpos favelados de forma subjetiva. Com o objetivo de criar novos elementos e conceitos, a série tem como abordagem a geopolítica carioca que é a congruência entre demasiados grupos de estratégias adotados pelos 'cria' para administrar seu território, ou seja, a sua comunidade, anexando a geografia cotidiana com a história e a arte contemporânea.

Na série 'Tamo junto não é gorjeta' encontram-se registros fotográficos que fiz do meu trabalho enquanto entregador de lanches durante a pandemia. Os registros fotográficos documentam momentos das entregas e revelam situações vivenciadas apenas por aqueles que estão no exercício daquela profissão.

'Dia de Baile' é uma intervenção que faz parte da série 'Traficando arte', tendo como intenção instalar lonas que são muito comuns nas comunidades e bailes no Rio de Janeiro, desconstruindo um denominado território e tipo de imagem não comum no ambiente e questionando, e tendo como contraste, sua arquitetura e frequentadores do espaço."

Allan Weber

*Nada de tão diferente pra nós, 2021
Bala de 762 sobre vidro, 120x60cm
Acervo Galeria 5 Bocas*

**ALMEIDA
DA SILVA**

Almeida da Silva

Para além da plástica e o uso da presença, Almeida da Silva busca por resquícios, fragmentos através de escavações-memoriais situadas para além do contexto colonial e da ideia de modernidade ruptural. Reconstruir ou ao menos movimentar pontes de diálogo entre as coisas e os significados para então desenvolver estratégias de inversão, ao tornar visíveis os mais velhos e o invisível, por meio das relações de fatura, do sensível e do bem viver em diálogo com o território que os atravessam.

"Através da noção de desenho enquanto plataforma experimental de contato que tenho compreendido enquanto invisibilidades, é provável que os pigmentos de cor-luz, quando em relação a um condutor energético, funcionem como um meio de comunicação em potencial com o invisível. Portanto, investigo as materialidades condutoras destas potentes fontes de comunicação que, por meio das tecnologias de contato desenvolvidas até então, reconfiguram a invisibilidade dos meus ancestrais, sobretudo os que não conheci ainda."



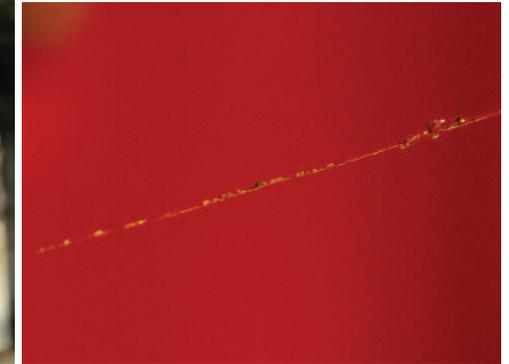
Almeida da Silva
Esquemas para linha de luz, 2021
Desenho de pigmento cor-luz sobre papel, 42x29,7cm cada
Coleção da artista

Almeida da Silva
Conjunto portais, vórtices ou janelas 1-9, 2021
Cola branca e pigmento de cor-luz, Aproximadamente 100x70cm cada
Coleção da artista



Almeida da Silva
Foto de Alice Loureiro, 2021

Almeida da Silva
Linha de luz, 2021
Fio de cobre, pigmento de cor-luz, dimensões variáveis
Coleção da artista







IMAGENS ANTERIORES

01

Ingrid Pimenta

Fotografia analógica, 2021

02

Ingrid Pimenta

Fotografia analógica, 2022

ANA HORTIDES



Ana Hortides

Cresceu em Vila Valqueire, zona oeste do Rio de Janeiro. É artista visual e pesquisadora, doutoranda em Artes pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e mestre em Estudos Contemporâneos das Artes pela Universidade Federal Fluminense (2016), na qual se graduou em Produção Cultural (2012). Artista indicada ao Prêmio PIPA 2021 (RJ), premiada no 36º Salão de Arte de Jacarezinho, no Paraná (2021), e no 1º Salão de Arte em Pequenos Formatos do Museu de Arte de Britânia (MABRI), em Goiás (2019). Finalista do Concurso Garimpo, Revista Das Artes (2018). O seu trabalho integra as coleções do Museu de Arte do Rio (MAR), do MABRI, em Goiás, e do Acervo Rotativo, em São Paulo. Integrou exposições, entre elas: Casa Carioca, MAR (2020-2021); 27º Salão de Artes de Praia Grande (SP); Ao Ar Livre, projeto de arte pública no Brasil (Chile e México - 2020); Impávido Colosso, A Mesa (2019).

Ana Hortides
Abertura na Galeria 5 bocas
2021

Ana Hortides
Escada, 2018/2021
Sal rosa, 40x125x70cm
Coleção da artista

"A minha poética fala da casa, a partir dela e por ela. Experimento e desenvolvo o meu trabalho muito intuitivamente e a partir do encontro com os materiais, tanto os de uso cotidiano da casa – como o sal, o saquinho de chá, a banha de porco, o açúcar, o sabão de coco, o saco de lixo, o cabo de vassoura velha –, quanto os de utilidade mais estrutural da formação desse espaço – como a madeira, o pó de tijolo, o concreto, o piso vermelhão e de cimento queimado, o chão de caquinhos cerâmicos e a parede de chapiscos.

O meu processo artístico se desenvolve em torno da casa, pela sua órbita e por meio do seu repertório, pelo que me é posto e dado na própria vivência da casa. Com isso, me interessa investigar e trabalhar a ideia da potência política que nasce do âmbito doméstico, tensionando e questionando, por meio da plasticidade e do conceito, essas relações políticas e também sociais implicadas no íntimo, no convívio, na moradia, no habitar e nas áreas periféricas e suburbanas."



**ANDRÉ
VARGAS**

André Vargas

Artista visual, poeta e educador. Graduando em filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), o artista possui uma produção ligada às memórias e às heranças culturais: afro-diaspóricas, suburbanas e da infância. Produz em linguagens diversas que se dão na dobra das interpretações pelo hibridismo, pelo encruzo e pelas ambiguidades, produto das trocas e gingas entre signo, significados e significantes e entre lugar, território e territorialidade.

"Acredito que podemos atravessar os tempos, mover memórias e construir paradoxos ao produzirmos projeções de passado. Nessas, confabula-se a diferença, que nos insere no jogo das histórias, ao reivindicar outros protagonismos e outras perspectivas que confrontam a regra e a hegemonia num giro exusíaco de referência encruzadas e respostas espiraladas no tempo. Meu trabalho é mergulhar nessa possibilidade de responder junto aos meus antepassados às violências histórico-espaco-temporais, mesmo quando, aparentemente, faz sol."



André Vargas
Pássaro ontem pedra hoje, 2021 - Série Fios de conta
Sete fios de contas vermelhas e pretas, 73cm x 73cm
Coleção do artista



André Vargas
Gurifim taí, da série *Bocas de Prazeres*, 2021
Ô de casa!, da série *Bocas de Prazeres*, 2021
Gooooooool!, da série *Bocas de Prazeres*, 2021
Tá na mão!, da série *Bocas de Prazeres*, 2021
Lalaiá!, série *Bocas de Prazeres*, 2021
Tinta acrílica e PVA sobre tela, 30x20cm cada
Coleção do artista



André Vargas
Foto de Alice Loureiro, 2021

André Vargas
Durante o futuro do antepassado, 2021
PVA sobre rendão, 5x1,5m
Coleção do artista



ANIS
YAGUAR

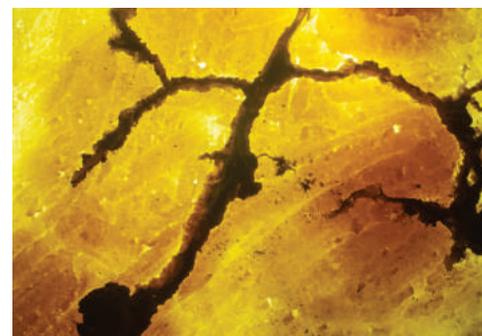
Anis Yaguar

Artista, performer e mediadora. Graduada em Artes Visuais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), tendo passado por formações artísticas na EAV Parque Lage, na Casa França-Brasil e no espaço Saracvra. Desenvolve seu trabalho transitando entre a performance, o audiovisual e a construção de objetos e próteses. Seu campo de pesquisa gira em torno de questionamentos dos discursos de gênero e suas condições cárnicas, através da subversão de simbologias impositivas, buscando por formas de manipulação e transmutação da carne. Adentrando no mistério, entre seus processos transicionais, astrais e autogestativos.

"Sempre me foi de interesse adentrar no mistério, tal qual o frio na barriga ao entrar ao mar à noite. Abraçar o que não pode ser visto e fechar os olhos para aguardar a lua transformar-se em sol. Quando era criança, olhava o céu estrelado com minha mãe, e acreditava que as estrelas cadentes caíam na água e viravam estrelas do mar. Por isso, continuo acreditando que quando nado também estou no céu, voando. E que, quando a luz reflete nas águas, portais dimensionais se abrem permitindo ao meu corpo transicionar em formas híbridas. É como caminhar nos céus com os pés no chão. Assim desenvolvo meu trabalho transitando entre a performance, o audiovisual e a construção de objetos e próteses. Pensando sobre o sensível, sobre as condições corpóreas que carregamos, e o que é imposto a nós, a partir delas. Dessa forma, busco construir ficções, que nos permitam vislumbrar outras possibilidades de vida, subvertendo a lógica das condições a partir do campo do imaginário e percebendo aquilo que ainda pode vir a ser."



Anis Yaguar
Fotografia



Anis Yaguar
Nébulas, 2021
Látex e negatoscópio,
48x37x14cm
Coleção da artista

**BRUNO
MAGLIARI**



Bruno Magliari

Artista carioca com formação em Relações Internacionais (PUC-RJ). Formado pela EAV Parque Lage, no Curso de Formação: Exercício Experimental da Liberdade (2019); período de residência, organização e curadoria no Espaço Apis (RJ-2018/2019); processo de residência na Galeria Refresco no Santo Cristo (RJ-2019). Residente bolsista na Kaaysá - Residência de Arte (SP-2021). Residente convidado na Residência Fonte (SP-2021). Atualmente é integrante do Programa de Formação e Deformação - Teteia (EAV Parque Lage) (RJ-2021).

"Minha pesquisa em arte parte de diferentes mídias como desenho, pintura, performance, fotografia e escultura. Através da busca, associação e apropriação de imagens científicas, históricas, de tecnologias de mapeamento territorial e sistemas de representação, o artista elabora seu trabalho, atentando-se para diferentes formas de domínio do espaço."



Bruno Magliari

Campos de carcaças: ao dia seguinte da escaramuça, 2021
Cimento, gesso, alumínio e aço, dimensões variáveis
Coleção do artista

Bruno Magliari

fracionamentos em paisagens virtuais nº4 e nº5, 2020
impressão digital s/papel, 62x36cm
Coleção do artista







IMAGENS ANTERIORES

01
Foto de Alice Loureiro
2021

02
Foto de Alice Loureiro
2021

03
Foto de Alice Loureiro
2021

**CARLA
SANTANA**

Carla Santana

Nascida no Rio de Janeiro (1995), graduanda em Artes na Universidade Federal Fluminense. Adentrou no universo artístico a partir do teatro, onde atuou em duas companhias: Terraço Artes Integradas e Mundé. Co-fundadora e articuladora do movimento nacional Trovoa. Foi monitora do curso "Cenas para outras linguagens", ministrado pela Camilla Rocha na EAV Parque Lage. Participou de diversas exposições coletivas em: Valongo Festival Internacional da Imagem; Galeria Auroras, Museu da República; Bela Maré; Centro de Artes UFF; e Centro Municipal de Arte Hélio Oiticica. Fez a sua primeira exposição individual, "Vou ao redor de mim", no Centro Cultural Paschoal Carlos Magno, em 2019.



Carla Santana
Série título algum, 2021
Argila sobre papel, 12x16cm cada
Coleção da artista



Carla Santana
Fotografia

"Minha produção é composta por múltiplas visualidades, como desenho, pintura, colagem, escultura, fotografia, vídeo e performance. Ao partir dos princípios de que toda imagem é texto e de que o corpo é um dispositivo fundamental de expressividade, busco externalizar e investigar as relações sutis entre o corpo-subjetivo e o corpo-social, uma linha tênue, exprimindo que a intelectualidade é gerada e movida da cabeça aos pés. Atualmente minha pesquisa se debruça sobre o protagonismo do uso da argila como um material que possibilita múltiplas formas de expressividade no ambiente bi ou tridimensional. Com a intenção de observar qualidades de tempo e a ação da matéria sobre outras superfícies, crio um repertório imagético amparado em fluidez e distorção."

DERRETE

Derrete

Artista do Rio de Janeiro, seu trabalho se construiu a partir das referências do pixo, das artes visuais e da cultura hip hop. Essas técnicas se sobrepõem em diversos suportes, com materiais recolhidos da rua, explorando o encontro entre o corpo e as pessoas que circulam nesses lugares, e como elas se comportam a partir desses encontros. Imagens da memória atravessam sua experiência artística e se materializam não só em desenhos e pinturas, mas também no suporte que os carregam. Suas referências vão desde a materialidade da marcenaria, com a qual teve contato através do pai, até a complexa malha iconográfica do tráfico, proveniente de sua experiência vivendo em territórios de divisa em confronto no subúrbio carioca. Suas obras investigam modos de compor rostos e narrativas por meio de esboços riscos, rabiscos: signos de significados ocultos nos códigos particulares da vivência do artista. Suas obras são encontradas em museus, galerias, avenidas e viadutos.



Derrete
Abertura Galeria 5 bocas, 2021

"rack/derrete como artista plástico, me expesso para além da pintura tradicional, produzindo obras com base em madeira e materiais reciclados retirados da rua, além de experimentar várias técnicas como ilustrações, colagens, pichações, animações e direções artísticas.

Pensando na cidade como via de ida e volta do fluxo, minhas obras dialogam sobre o corpo que circula na cidade. Do vai e vem, na Avenida Brasil foram pensados os personagens chamados de rabisco, feitos desde a zona portuária até a altura da Penha. A passagem do rural, onde começam as criações, até o suburbano da cidade carioca, traz o conceito de transição do corpo social, do 'rústico' ao 's sofisticado'. O ambiente rural proporciona uma gama de produção de fundamento, pensando na ideia de surgimento de patrimônio cultural do país, com base em culturas de matriz africanas e indígenas. Já na cidade grande, exploro a subjetividade de lugares esquecidos pelo âmbito social, onde moram os espíritos das imagens que aparecem dentro dos meus processos de produção, fazendo visíveis os seres invisíveis."

01
Derrete

Pivete de brondo, 2021
Bordado sobre camisa de algodão peruano e estampa de marca francesa (Lacoste), 89x104cm
Coleção do artista

02
Derrete

Da série amarela, 2021
Tinta acrílica sobre tela, 60x50cm
Coleção do artista

**ELISA
MACIEL**

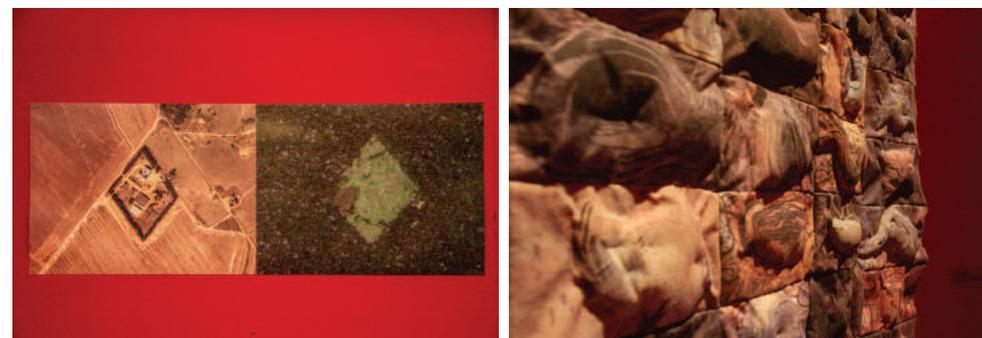
Elisa Maciel

Nascida no Rio de Janeiro (1996), é artista visual e têxtil e fotógrafa. Designer de moda por formação (SENAI CETIQT), em 2017, passa a dedicar seus trabalhos e estudos às artes visuais, fotografia e fazeres manuais. Elisa pesquisa imagens de satélite em suas diferentes escalas e dimensões, investigando de que modo as ações antrópicas interferem na paisagem-imagem do planeta. São trabalhos que refletem estética, imagética e politicamente as fissuras e feridas que abrimos em terra. Em paralelo, a artista também se dedica a suturar, remendar, bordar e costurar rasgos e fissuras nos mais diferentes objetos: de peças de roupa a papéis de bala. Numa tentativa simbólica de cura, busca reverter a efemeridade e a descartabilidade que atribuímos às coisas. Por meio da EAV, participa de sua primeira mostra coletiva, "Ainda Fazemos as Coisas em Grupo", no Centro Municipal de Arte Hélio Oiticica, e retorna, em 2021, para o Programa de Formação e Deformação - Teteia.



Elisa Maciel
Fotografia

"Por meio de incursões artísticas pelo vasto mundo codificado das imagens de satélite, busco compreender e refletir acerca da paisagem terrestre e os rastros que, em imagem, são deixados como evidências das ações destrutivas provocadas por nós humanos. 'Processos Antrópicos' foi, dentro dessa pesquisa, meu primeiro trabalho. Bordo, num ato humano, mas zeloso, em cima de paisagens também meio-humanas, pois remexidas e machucadas por nós. Em 'Cercos' investigo cromática e geometricamente sedes de fazendas num centro-oeste brasileiro que, apesar de abrigar importantes reservas indígenas, mostra-se já bastante desmatado e à serviço do agronegócio. O que resta de vegetação nessas paisagens do 'agro é pop' são poucas árvores que cercam, ironicamente, as sedes das fazendas que transformaram o que era nativo em campos de criação de gado e monocultura. Seguindo a pesquisa, chego em 'Contorno | Entorno', em que traço paralelo entre as geometrias do desmatamento brasileiro. Na região central do país, a vegetação por vezes existe apenas para contornar fazendas. No norte, ela resiste no entorno dos vãos desmatados na floresta amazônica. Por enquanto."



Elisa Maciel
CONTORNO | ENTORNO, 2020-21
Impressão em papel Endura Linho de colagens digitais produzidas a partir da apropriação de imagens de satélite, 80x30,48cm cada
Coleção da artista

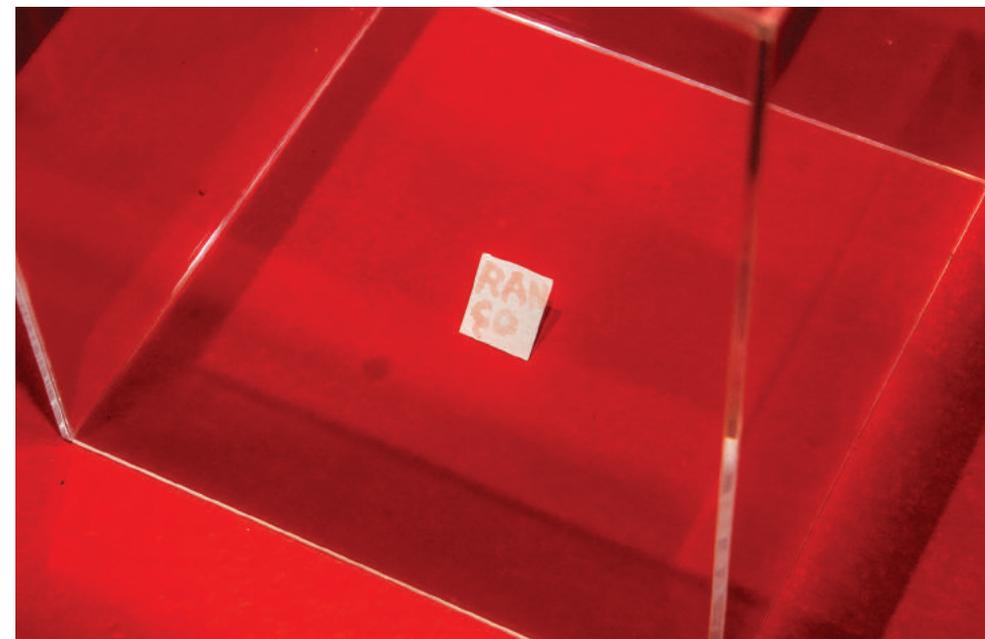
Elisa Maciel
Ilusão da máscara côncava da série Mineração: certidão de batismo das américas, 2021
Transfer sobre algodão cru, tecido acetinado e fibra sintética, 84x74cm
Coleção da artista

**ESTHER
BLAY**

Esther Blay

Nascida no Rio de Janeiro (1997), é artista visual e cursa a graduação em Pintura pela Escola de Belas Artes (EBA) da UFRJ desde 2018. Tem se aprofundado na linguagem da pintura e desenvolvido trabalhos em outras mídias, como fotoperformance e vídeo. Participa do programa de Deformação na EAV Parque Lage.

"Como tenho pensado cada vez mais em meu trabalho sobre a intimidade, comecei ultimamente a trabalhar com imagens e anotações advindas de meu diário pessoal. Essas imagens nascem em sonhos ou em tentativas de traduzir alguma sensação ou sentimento, e nem sempre, quando as crio, estou pensando em um trabalho de arte. Tenho optado por usar a têmpera ovo, uma técnica tradicional que envolve o preparo da tinta de forma artesanal com gema de ovo. Como busco criar imagens livres e desprentensiosas como as

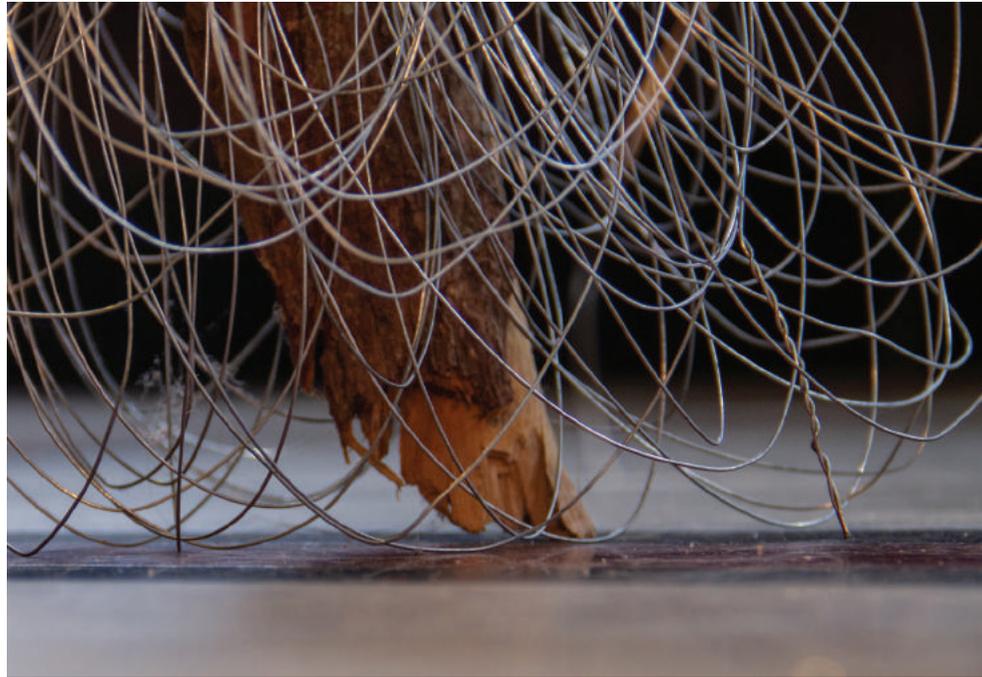


Esther Blay
Ranço, 2021
Aquarela sobre papel Canson,
2,5x2,2cm
Coleção da artista

Esther Blay
Sem título, 2021
Têmpera ovo sobre papel,
42x59cm
Coleção da artista

que vêm da intimidade dos diários e dos sonhos, uso a têmpera, que favorece um trabalho leve e com toques de cor em poucas camadas. Além disso, a forma de misturar os pigmentos e de fazer a minha própria tinta ao longo da pintura contribuem para um sentido poético. Também me interessam o preparo de meus próprios suportes e o uso de formatos irregulares. Assim, seja na forma de expor, no tipo de suporte utilizado (formatos pequenos, às vezes até minúsculos), no conteúdo semântico ou na escolha técnica para as pinturas, acredito caminhar no avesso da tradição pictórica, brincando com a expectativa de grandiosidade associada à ideia de Pintura."

**LOREN
MINZÚ**



Loren Minzú

Nasce no território São Gonçalo (1999), atua no campo das artes visuais, performance e cinema, ficcionando junto de elementos existentes outras imaginações que impliquem as percepções de tempo-corpo-espaço.

"Tenho desenvolvido algumas tecnologias, como abismos e corpos secretos, sem-nome que partilho aqui. Essas são possibilidades de comunicação interespecífica ou daqui cair numa armadilha que nos jogue ao universo profundo, e assim ser imediato esquecer as leis e a burocracia. São imaginações que lentamente chegam através da luz, da escuridão, da densidade inteligente da mata, do que me ensina a gravidade e o silêncio das coisas que crescem."

Loren Minzú
Lusco-fusco ou Zona Crepuscular, 2021
Fios de aço, fragmentos de galhos secos e chapa metálica, dimensões variáveis
Coleção do artista

Loren Minzú
Da série Abismo/Abissal, 2021
Espelhos, 20x750cm
Coleção do artista

Foto de Alice Loureiro
2021



**LUIZ
CAMALEÃO**

Luiz Camaleão

Baiano residente no Rio de Janeiro há seis anos. Artista autodidata, e com formação em Arquitetura e Urbanismo, foi apresentado a visões artísticas que ajudaram a iniciar seu caminho nas produções artísticas e ampliar sua visão sobre diversos temas e olhares críticos. Com essa base, deu seus primeiros passos em sua pesquisa, a qual busca analisar o desenvolvimento dos indivíduos em seus diferentes encaixes e temas sociais e como essa própria figura transforma seu meio de forma física, poética e histórica, tornando-se a figura ancestral do seu próprio tempo.

"Dentro da série 'Filhos de Nanã' — que surge com o propósito de explicar o nascimento do homem dentro de crenças espirituais, aprendizados ancestrais e metafóricos, e suas colocações individuais e conjuntas —, nasce a necessidade de analisar o desenvolvimento da sociedade e suas construções em volta do próprio homem, a partir das suas próprias perspectivas de criação ou de uma forma orgânica e progressiva de desenvolvimento, partindo de suas próprias necessidades."



Luiz Camaleão
Fotografia



Luiz Camaleão
série Filhos de Nanã, 2021



Luiz Camaleão
O que é da terra (RE)torna,
da série Filhos de Nanã, 2021
Estrutura de madeira, pau a pique, corrente,
couro de boi, palha, e tinta acrílica sobre
carcaça de gado, 20x43x72cm
Coleção do artista

**MAYARA
VELOSO**



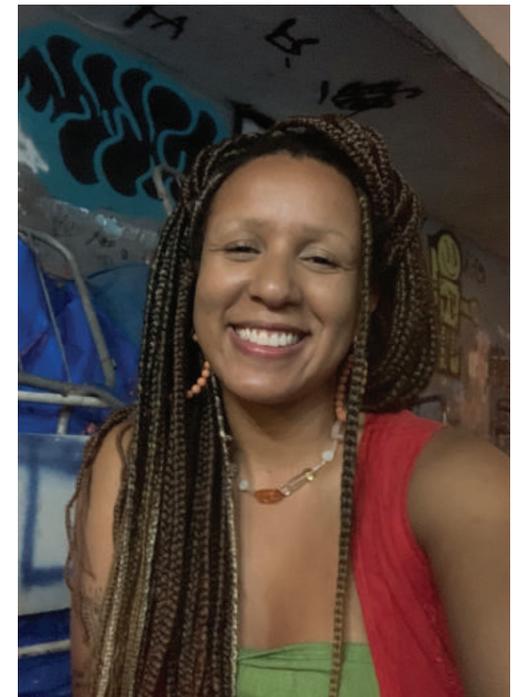
Mayara Veloso

Da série Co-construções de um Imaginário Possível de Sentir, 2020-21
Costura em tecido de estofaria,
2x2,5m aproximadamente
Coleção da artista

Mayara Veloso

Vive e mora no morro do Salgueiro, zona norte do Rio de Janeiro. Graduada em história da arte na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), é agricultora, artista visual e pesquisadora. Atua com performance, fotoperformance, poemas, videoinstalação e, recentemente, com pesquisas escultóricas, têxteis e materiais de construção. Sua poética vem de uma dimensão construtiva e subjetiva de relações familiares, abordando sua casa e lugares de convívio. Fala de construção pessoal e coletiva, do feito autônomo de sua família em construir e reconstruir sonhos arquitetônicos e de como a natureza pode ser sinalizadora desses acontecimentos. É integrante do coletivo Trovoa, e passou por residências no MAM Rio, Parque Lage, Paço Imperial, entre outros.

Mayara Veloso
Fotografia



"Meu trabalho com tecidos permeia paisagens que se relacionam com a costura. Gosto de desenhar com gestos, nos quais sinto, por meio da máquina de costurar, o corpo em conjunto do maquinário. Sentir o gesto e os movimentos, nos quais, com os pontos, posso fazer no tecido."

PATFUDYDA

Patfudyda

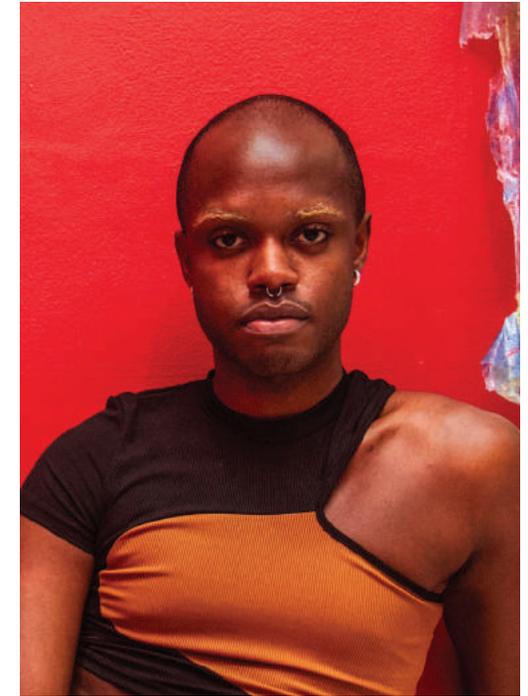
Artista da dança, coreógrafo, performer e artista visual no Rio de Janeiro. Formado pela Escola Livre de Artes da Maré (ELÃ) e Escola de Artes Visuais Parque Lage, e graduando em Dança pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Movido pelos desafios de tensionar o presente, desde 2017 tem apresentado seus trabalhos em galerias de arte, festivais nacionais e internacionais, como Tanya Bonakdar Gallery (NY) Festival Panorama, ArtRio, Lateral Roma, HOA ART, Art Fizz, Galeria Jacqueline Martins. Entre seus trabalhos mais recentes, destacam-se a trilogia "Repertório" em parceria com o artista Davi Pontes, que esteve na Mostra VERBO da galeria Vermelho, Valongo Festival Internacional da Imagem, Anita chwartz Galeria de Arte, Frestas - Trienal de Artes 2020/21. Dirigiu o filme "Delirar o racial", em parceria com o artista Davi Pontes, obra comissionada pelo Programa Pivô Satélite (2021).

"Coreografo ações de esquivas, traçando linhas de fuga através de movimentos de insubordinação e resistências sutis, a fim de contornar qualquer tentativa de captura.

Minha pesquisa parte das obsessões que me rondam e me atravessam, nos acidentes provocados pela performance, coreografia e artes visuais, no deboche como uma forma de habitar os segredos, construir memórias e narrativas de poder. Entre essas pulsações, espirais de refúgios contra a visibilidade armadilhada. Organizar o gesto, planejando um golpe."

Patfudyda

*Não há nenhum lugar de permanência absoluta (tríptico), 2021-
Fotografia: Gabe Arnaudin
Fotografias analógicas 35mm em impressão fine art sobre papel Hahnemüle Hemp -
Cânhamo 290g, 42x59,4cm
Coleção do artista*



Patfudyda
Abertura Galeria 5 bocas, 2021



**TAINAN
CABRAL**



Tainan Cabral

De Senador Camará, Rio de Janeiro, tem como pesquisa as cores, composições arquitetônicas e bucólicas ao redor, que o levam a caminhos oníricos. Tendo como fonte de energia a criatividade popular, tem também a arquitetura popular junto das formas orgânicas do subúrbio como pontos de partida para criação do desenho e pintura. A miragem da imagem cria o inusitado. Parte da imaginação de novos lugares e ressignificando com cores alucinógenas as intervenções urbanas, como as Barricadas, trazendo um olhar escultórico para algo bélico.

Tainan Cabral

Tempo, 2021
Tinta látex, acrílica e spray sobre madeira, 3x5m
Coleção do artista

Tainan Cabral

Sem título, 2021
Intervenção em tinta spray sobre barricadas, dimensões variáveis
Acervo Galeria 5 Bocas

"Tudo começa pela contemplação de onde estou. Meu ambiente de convívio é o que dá sentido às realizações artísticas. E dentro desse olhar existe especificamente uma junção de ideias sobre o cotidiano periférico, que permite explorar mais a criatividade como ferramenta essencial de sobrevivência e vivência."

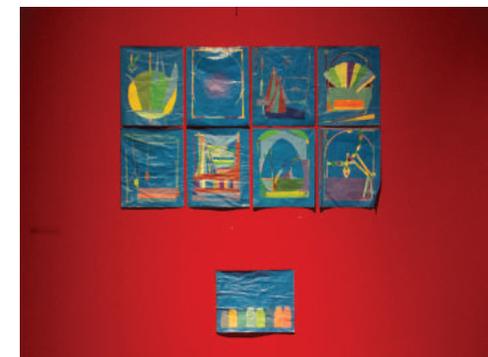
O poder de transformar um objeto ou transmutar o seu sentido por meio dessa criatividade, quase sempre reaproveitando o que já foi usado antes para outro fim, como: pneus, latas de tinta, garrafas pet, lonas e qualquer outro material que apareça. Junto das cores que se repetem constantemente conforme eu passo pelas ruas, alimentam meu conhecimento sobre as sensações que essas causam."

Tainan Cabral

Barricada, 2021
Intervenção em tinta spray sobre cancelas do Parque Lage

Tainan Cabral

Dubismo, 2021
Tinta acrílica sobre lona, corda de nylon, plantas, garrafas PET, desinfetante, porta sanfonada, pneu, 3x2x1,20m (dimensões variáveis)
Coleção do artista



O Programa de Formação e Deformação foi concebido em 2018 com dois objetivos: retomar a **formação** gratuita para artistas nesta escola pública, que pertence ao Estado, mirando um compromisso com a contemporaneidade, intimamente ligado à história colonial de nosso país, fraturado pela desigualdade social: gerar acesso e presença.

A palavra **deformação** aponta não apenas para uma possível plasticidade do currículo, que deve ser sensível aos sujeitos que aprendem e ensinam, concomitantemente, mas à sua indisciplinada capacidade de deformar esta instituição a partir de suas propostas, denúncias e recusas, mas sobretudo por suas presenças, ideias e criações.

Ingrid Pimenta
Fotografia analógica, 2021



Governo do Estado do Rio de Janeiro

Governador do Estado do Rio de Janeiro
Cláudio Castro

Secretária de Estado de Cultura e Economia Criativa do Estado do Rio de Janeiro
Danielle Christian Ribeiro Barros

Rebu
Cavalariças, Galeria 1,
Galeria 5 Bocas

Curadoria
Clarissa Diniz e Ulisses Carrilho

Coordenação de Produção
Renan Lima

Assistentes de produção
Marcos Pinheiro

Assessoria de Imprensa
Mônica Villela

Coordenação de Comunicação e Design
Alice Loureiro

Comunicação e Design
Ingrid Pimenta

Montagem
KBedim

Iluminação
Rogério Emerson

Monitoria
Bruna Soares
Isabella Cabeço
Kerolay Leite
Marina Souza

Escola de Artes Visuais do Parque Lage

Diretora
Yole Mendonça

Curador de Ensino e Programas Públicos
Ulisses Carrilho

Comissão de Ensino
Camilla Rocha Campos
Charles Watson
Clarissa Diniz
Marcelo Campos
Juca Fiis

Coordenadora de Ensino
Natália Nichols

Secretaria de Ensino Carmen da Costa Souza
Viviane Sampaio

Coordenadora de Comunicação e Design
Alice Loureiro

Designer
Ingrid Pimenta

Coordenador de Produção
Renan Lima

Produtor
Marcos Pinheiro

Gerente de Eventos
Naldo Turl

Bibliotecária
Rubia Luiza da Silva

Bibliotecária auxiliar
Juliana Machado

Assessora de Imprensa
Mônica Villela

Gerente Administrativo e Financeiro
Celina Martins

Gerente de Patrimônio e Compras
Fabio Augusto Lopes

Supervisor Financeiro Contábil
Hércules da Costa Souza

Analista de Planejamento Financeiro
Leiliane Silva

Supervisora de Administração e Finanças | Secretaria
Camila Oliveira

Analista de Suporte de TI
Talles Moreira Delgado

Manutenção Elétrica e Predial
Homero Gomes
Nilton Madeira

Assistentes de Administração
José Carlos Silva Teixeira
Paulo do Carmo
Paulo Neemias

Assistentes de Serviços Gerais
Liliane Simões
Marcelo da Silva

Gerentes da loja Local
Gabriele Sória
Lucas Lage

Equipe da loja Local
Ana Clara Demier
Fillipe Dionizio

AMEAV

Presidente
Marcelo Viveiros de Moura

Vice-presidente
Eugênio Pacelli de Oliveira Pires dos Santos

Conselheiros
Alvaro Piquet
Gustavo Martins
Carlos Roberto de Figueiredo Osorio
Luiz Eduardo Lopes Gonçalves

Publicação

Organizadores
Clarissa Diniz e Ulisses Carrilho

Coordenadora de Design
Alice Loureiro

Design Livreto
Ingrid Pimenta

Fotografia
Marina S. Alves

Revisora
Isadora Coutinho

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Rebu : programa de formação e deformação 2021 EAV
Parque Lage / Clarissa Diniz, Ulisses Carrilho
(orgs.). -- Rio de Janeiro : AMEAV, 2022.

Vários autores.
ISBN 978-85-455105-4-3

1. Arte contemporânea - Brasil 2. Artes 3. Artes
visuais 4. Artistas brasileiros 5. Artistas
plásticos - Biografia 6. Exposições - Catálogos
7. Escola de Artes Visuais do Parque Lage (RJ)
8. Estudantes de arte 9. Fotografias I. Diniz,
Clarissa. II. Carrilho, Ulisses.

22-107235

CDD-7017.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Estudantes de arte : Programa de formação e
deformação : Artes 7017.1

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

Livreto para a exposição Rebu, da
Escola de Artes Visuais do Parque
Lage entre 20 de dezembro de 2021
e 16 de fevereiro de 2022.

Impresso pela Leograf em abril de
2022 no Rio de Janeiro.

Luva: Papel offset 180g/m²
Capa: Papel offset 70g/m²
Miolo: Papel offset 70g/m²
Tiragem: 2.000 unidades